

FITOSSOCIOLOGIA DO JARDIM VILLA CASARETTO, PELOTAS/RS

JOÃO ANDRÉ LARA LEAL MARTINS¹; ÉLEN NUNES GARGIA²

¹Universidade Federal de Pelotas – jallm@protonmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – professoraelenbotanica@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No distrito da Cascata, do município de Pelotas/RS, há um antigo casarão chamado Villa Casaretto, um patrimônio pelotense construído no final do século XIX pela família Natucci e, em seguida, adquirido pela família Casaretto ao início do século XX. O casarão passou por uma renovação através do arquiteto Caetano Casaretto, conhecido principalmente pela construção do Clube Caixeiral, pelo segundo andar da Biblioteca Pública de Pelotas, o prédio onde hoje existe o Museu Carlos Ritter e pelo Asylo de Mendigos (DALTOÉ, 2012). O jardim abrange uma área de aproximadamente 450 metros quadrados e se situa de frente para a fachada da Villa Casaretto. Este jardim possui simetria e correlação com a casa, tendo sua largura parelha às extremidades do palacete, com canteiros delimitando as bordas de duas áreas e dentro da parte destinada à circulação das pessoas há canteiros de forma arredondada. Suas árvores claramente demonstram longevidade e chamam bastante a atenção de quem o visita, bem como encantam as pessoas que gostam de plantas com flores.

O conhecimento detalhado das características morfológicas dessas plantas é fundamental para a preservação e o manejo adequado do jardim, mantendo sua integridade e autenticidade histórica. Também podem ser interessantes recursos para preservação de material genético, visto a longevidade delas.

A vegetação presente na área ao redor do jardim encontra-se em processo de regeneração florestal, e é caracterizada por uma presença significativa de Floresta Estacional Semidecidual, vital para a manutenção do ecossistema regional (IBGE, 1986). Esta área, muitas vezes visitada por pessoas sem autorização, destaca a necessidade urgente de conscientização e educação ambiental. A identificação e descrição detalhada das espécies presentes no jardim contribuem para estudos futuros e para o desenvolvimento de estratégias de preservação e manejo adequado, garantindo a conservação desse patrimônio. Apesar do interesse em conhecer as belezas naturais e artificiais da região, há também os riscos associados à visitação sem qualquer orientação, que resultou em danos ao patrimônio que lá existia, através do roubo, depredação do local e lixo. Visto isso, entende-se que é possível e necessário explorar o Ecoturismo, que é segmento da atividade turística que abrange todas as modalidades que ocorrem em ambientes naturais. (PORTO, 2014)

2. METODOLOGIA

Foi utilizada a metodologia do Caminhamento (FILGUEIRAS, 1994), acrescido do método de varredura da área do jardim. Foi medido o D.A.P. das maiores árvores do local e amostras de plantas foram coletadas, herborizadas e levadas para o Departamento de Botânica para identificação de espécies utilizando o livro “Botânica Sistemática: Guia ilustrado para identificação das



famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III” (SOUZA, 2012). A partir da família, foram realizadas pesquisas no portal “Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1. Espécies identificadas no Jardim.

Família	Gênero	Espécie
Araucariaceae	<i>Araucaria</i>	<i>A. heterophylla</i> (Salisb.) Franco.
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>H. heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos
Cupressaceae	<i>Cupressus</i>	<i>Cupressus</i> sp. L.
Cycadaceae	<i>Cycas</i>	<i>C. revoluta</i> Thunb.
Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>M. grandiflora</i> L.
Malvaceae	<i>Ceiba</i>	<i>C. speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna
Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>C. japonica</i> L.

Existem duas árvores de *A. heterophylla* (Salisb.) Franco, conhecidas como Pinheiros-de-Norfolk, são exóticas no Brasil, possuem origem Australiana e com distribuição confirmada no Brasil nos estados do Amazonas, de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (REFLORA). A planta mais ao norte possui D.A.P de 34,38cm e a mais ao sul de 40,74cm. Ela é amplamente cultivada como planta ornamental, apreciada por sua forma simétrica e elegante. Sua adaptabilidade a vários climas, crescimento lento e capacidade de combinação com outras plantas a tornam uma opção versátil e atrativa para diferentes ambientes. A *A. heterophylla* (Salisb.) Franco traz a sensação de imponência ao espaço, bem como são pontos de referência na região devido a sua altura elevada. O *Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos é uma árvore caducifolia nativa do Brasil, conhecida como Ipê-Roxo. Ela se distribui nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (REFLORA). Possui crescimento rápido, se adapta a diversos tipos de solo e é uma árvore de grande importância econômica e de biodiversidade, pois atrai polinizadores e sua madeira de qualidade, conhecida pela durabilidade e resistência. Há também uma árvore do gênero *Cupressus* sp. L., conhecida popularmente como Cipreste, que é exótica no Brasil e nativa de regiões temperadas do hemisfério norte. Possui distribuição confirmada nos estados da Bahia, Pernambuco, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (REFLORA), sendo plantas de crescimento rápido e apreciadas no paisagismo por criar barreiras entre um espaço e outro, contribuindo para a diminuição da poluição sonora, retraindo partículas como poeira, trazendo privacidade e sombreamento. Se tratando da *Cycas revoluta* Thunb., conhecida como Sagu-de-Jardim, é exótica no Brasil, com distribuição nos estados do Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina



(REFLORA), possuindo uma aparência que remete às plantas primitivas e crescimento é lento, podendo viver por muitas décadas e sendo muito utilizada como ornamental, principalmente por sua simetria e pouca necessidade de cuidados uma vez estabelecida. A *Magnolia grandiflora* L. é a maior árvore do jardim em termos de D.A.P. medindo 61,75cm de diâmetro, possui flores são vistosas e com forte aroma, atraindo a atenção para o jardim tanto pelo tamanho da árvore, quanto pela beleza de suas flores. Ela é uma planta exótica no Brasil, mas está distribuída nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (REFLORA). Há também a *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravenna, conhecida como Paineira, que é uma árvore nativa de ampla distribuição no Brasil (REFLORA). Uma das paineiras do jardim possui um D.A.P. de 52,52cm de diâmetro. São notáveis por seus acúleos por possuírem caule largo e inchado. Suas flores se espalham pelo gramado, dando um tom rosado ao chão do jardim, e não raramente é possível vivenciar suas flores caindo de forma a transmitir a sensação de tranquilidade. A *Camellia japonica* L. é uma planta exótica no Brasil da família Theaceae, sendo o gênero mais amplo e importante desta família, em que a maioria das espécies se encontram distribuídas ao leste e sudeste da Ásia, em especial a China (WANG, 2012). No Brasil, ela se distribui nos estados Pernambuco, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (REFLORA). Suas flores podem variar bastante entre indivíduos pertencentes a uma mesma cultivar e até mesmo entre flores de uma mesma planta, dificultando sua avaliação visual pelos pesquisadores (ACATTI, 2013). Durante o século XIX, a camélia foi utilizada como um código secreto pelos abolicionistas, especialmente quando envolvidos em atividades arriscadas, como auxiliar fugitivos e fornecer esconderijos (SILVA, 2003). A flor desta planta era apelidada de “camélia da liberdade”, integrando jardins ou mesmo usada na lapela do paletó ou vestido, tornando-se uma confissão na fé abolicionista. Um dos quilombos mais relevantes para o movimento abolicionista, o de Leblon, situado na atual cidade do Rio de Janeiro, enviava ramalhetes de camélias lá produzidas para a Princesa Isabel. (MATOS, 2006). Foram observados 3 tipos de flores de camélias no jardim, e elas se mostraram importantes em relação a atrair abelhas.

4. CONCLUSÕES

A arquitetura eclética e o paisagismo do início do século XX e bastante presente nas construções de Caetano Casaretto integrar diversos estilos e influências, tanto europeias quanto locais, em uma abordagem harmoniosa. Nesse contexto, o uso de plantas exóticas e ornamentais, como as espécies mencionadas, era comum em jardins e áreas urbanas, criando ambientes esteticamente agradáveis. A presença de visitantes no local sem autorização dos proprietários indica interesse da comunidade Pelotense pelo local, que carece de informações científicas e a prevalência de mitos e lendas sobre a história da Villa Casaretto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALTOÉ, G. Caetano Casaretto e a arquitetura residencial em Pelotas/RS: final do século XIX e início do XX. **Dimensões**, n. 29, p. 392-409, 2012.



FILGUEIRAS, T. S. et al. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências**, v. 12, n. 1, p. 39-43, 1994.

Flora e Funga do Brasil. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**.

IBGE, Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de recursos naturais-folha sh. 22 porto alegre e parte das folhas sh. 21 uruguaiana e si. 22 lagoa mirim: Geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. v. 33. **Rio de Janeiro**, 1986.

MATOS, A. Das Camélias do Leblon à Rosa de Ouro: as representações de Isabel no contexto do abolicionismo. **Em Tempo de Histórias**, n. 10, 2006.

PORTO, P. C; CARDOSO, E. S.; DA SILVA, J. O Potencial do Ecoturismo e do Turismo de Aventura no Município de Santa Maria-RS e seu Entorno. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 2, p. 261-284, 2014.

ACCATI, E. et al. Characterization of Camellia japonica cultivars using molecular markers. **International Camellia Journal**, p. 61, 2013.

SILVA, E. et al. As camélias do Leblon e a abolição da escravatura. 2003.

SOUZA, V. de C.; LORENZI, Harri. Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil. **Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum**, 2012.

WANG, Z.; FUJISHITA, N.; SHIUCHI, T.; NAKATA, M. Pseudopollen in the Genus Camellia, its Definition, Morphology and Status. **International Camellia Journal**, p. 156, 2012.